SUBCOMANDANTE MARCOS – CONTADOR DE HISTÓRIAS, INTELECTUAL ORGÂNICO E TRADUTOR CULTURAL

VINÍCIUS FÁVERO[1]

RESUMO

O intuito central desta produção se encontra em observar a práxis do militante constituidor do movimento indígena do Exército Zapatista de Libertação Nacional, conhecido pela alcunha de Subcomandante Marcos. Através de seus escritos, inseridos no contexto de 1994 à 2001, se objetivará analisar a forma com que este quadro político atua enquanto mobilizador e liderança deste exército carregado de historicidade. Ao mesmo tempo, se buscará investigar a forma que Marcos desenvolve uma linguagem de interconexão e dupla-tradução cultural, ao trazer elementos do México hispanizado até a materialidade indígena, e tratativas da práxis de resistência indígena à sociedade-civil mexicana. Neste sentido, serão mobilizados co ceitos de análise apresentados por Walter Benjamin em seu ensaio "O Narrador", onde o autor se debruça sobre o artifício da crônica e lenda (muito utilizados por Marcos), enquanto ferramentas de intercâmbio de experiência política. Em suma, também será utilizado como ferramenta metodológica, o conceito de "Intelectual Orgânico" de Antônio Gramsci, a fim de tecer uma compreensão acerca do sentido e propósito político-social de classe da atuação do militante.

[1]UFPR

Palavras-chave
EZLN, Subcomandante Marcos, Intelectuais Orgânicos, Walter Benjamin.

Abstract

The central aim of this study is to observe the praxis of the militant figure who helped shape the indigenous movement of the Zapatista Army of National Liberation (EZLN), known by the alias Subcomandante Marcos. Through an analysis of his writings from the period between 1994 and 2001, the objective is to examine how this political figure acts as a mobilizer and leader of an army deeply rooted in historical context. At the same time, this research seeks to investigate how Marcos develops a language of interconnection and dual cultural translation—bridging elements of Hispanized Mexico with indigenous materiality, and translating indigenous resistance praxis to Mexican civil society. In this regard, analytical concepts from Walter Benjamin's essay *"The Storyteller"* will be employed, in which the author examines the use of chronicle and legend (frequently used by Marcos) as tools for exchanging political experience. Furthermore, Antonio Gramsci's concept of the "Organic Intellectual" will be used as a methodological tool to better understand the political-social and class-oriented meaning and purpose behind the militant's actions.

Keywords
EZLN, Subcomandante Marcos, Organic Intellectuals, Walter Benjamin.

Introdução

Em meio ao desencanto político e o abandonar de utopias, é possível observar o crescimento de uma militância e intelectualidade que progressivamente descarta o sentido da construção de ações políticas contundentes e coletivas. Logo, no panorama da pós-modernidade, diversos círculos (centralmente os da esquerda europeia) passam a priorizar resistências, ou micro-resistências, individualistas e sem contato concreto de efetividade nos embates da luta de classes (Losurdo, 2020, p.72). No entanto, o terceiro mundo carregava consigo promessas e proposições distintas. Tal elemento se faz evidente com a ascensão de novos de-

bates críticos e de enfrentamento ao neoliberalismo, centrados nas experiências específicas do continente latino-americano. A América-Latina, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, pode ser observada como ponto de vanguarda no tecer de movimentos sociais críticos ao neoliberalismo, muitos deles centrados em perspectivas indigenistas deste mesmo enfrentamento, como nos princípios andinos do *Bem Viver* (Quijano, 2014, 08-15).

É neste recorte em que se encontra circunscrito a formação, levantamento e desenvolvimento da *práxis*[2] do Exército Zapatista de Libertação Nacional. O movimento, proveniente do cosmos político do sudeste mexicano, conta com influências intensas de diferentes correntes e até mesmo cosmogonias de mundo, contendo em si tratativas do marxismo guevarista, elementos do agrarismo zapatista clássico, tópicos e princípios da ética e teologia da libertação e muito do pensamento basilar das comunidades originárias, essencialmente maias, de sua região.

A formação do movimento pode ser apontada como tendo seus passos iniciais nos anos 1970 onde, em vista de diversos processos de expulsões e desterros, diferentes populações originárias passam a ter de se abrigar no território da Selva Lacandona, em Chiapas. Dessa forma, etnias de origem maia (falantes dos idiomas *tzotzil, tzeltal, chol e tojobal*) encontram-se com as etnias maias que residiam em refúgio em meio à selva desde o período colonial: os *lancadones*. Ainda, na década de 1980, dezenas de milhares de indígenas maias de origem guatemaltecas, identicamente, buscam refúgio na Selva, fugindo dos massacres perpetrados pelo exército de seu país. Em suma, também se faz presente na busca por refúgio um grupo indígena de origem não-Maia: os *zoques* (Le Bot, 1997, p. 25). No contexto da selva e serra, na "terra dos confins", as diversas etnias originárias e mestiços passam a se conectar, relacionar e intercambiar experiências. Em meados dos anos setenta, dão origem e formam uma identidade própria, de povos oprimidos frente aos agentes do agronegócio e interesses do grande capital na região. Essa identidade se aprofunda e culmina em uma integração de organizações étnicas e de trabalhadores, durante os anos oitenta (Casanova 2009, p. 269).

[2]Nesta pesquisa, a *práxis* será compreendida através das considerações de Antonio Gramsci, no primeiro volume de seus *Cadernos do Cárcere*. Nele, o autor aponta o conceito enquanto a união entre a teoria e prática na vida de um militante ou organização, estabelecendo uma relação complementar e vital entre tais esferas.

Em conjunção às dinâmicas de organizações dos povos originários (muitas vezes mobilizados pelas próprias entidades da Igreja presentes no estado de Chiapas, como a diocese de San Crtistobal de Las Casas), passam a se direcionar à região também diversos militantes do México hispanizado. Em distintas ondas (uma presente no período imediatamente após o fim do Maio de 1968 mexicano, e outra no período de 1983), esses indivíduos chegam até a região, com o grande interesse de constituir em meio à selva e comunidades, um clássico "foco guerrilheiro", aos moldes cubanos. Muitos daqueles provenientes da primeira onda, especialmente os estudantes, possuíam o grande objetivo de lutar pela construção de uma democracia popular, liderada pelos trabalhadores, e que trouxesse um fim ao sistema autoritário e excludente que assolava o país, o já citado "sistema de partido de estado" (Casanova, 2009, p. 269).

A partir daí, passa a surgir uma nova dinâmica de troca e intercâmbio político, cultural e social. Os militantes, provenientes do México urbano e amplamente hispanizado, buscam se inserir nas comunidades originárias. Integram organizações populares e se fazem presentes na realidade diária das populações originárias, buscando orientar suas ações de acordo com as pautas e necessidades das comunidades, que formariam organizações de massa, crescendo em silêncio (Genari, 2005, p.20). Em contrapartida, a segunda onda de militantes é identificada como a "fundadora" do que viria a ser conhecido como EZLN, em 17 de novembro de 1983 (Baschet, 2021, p. 43). Um destes grupos seria o formado por militantes provenientes das Forças de Libertação Nacional (FLN). Este agrupamento, fundado em Monterrey em 1969, após o contexto do massacre de Tlateloco, estava convicto de que a luta armada seria o único caminho possível para enfrentar a ditadura priista do partido de estado. Assim, pautando sua *práxis* nos princípios do marxismo-leninismo e nos preceitos do foquismo da Revolução Cubana, buscaram embrenhar-se em meio à selva. Segundo indicações do Subcomandante Marcos, este grupo inicial seria composto por três mestiços e três indígenas. Se estabeleceram e fundaram um pequeno acampamento que recebe o nome de *La Pesadilla*, o Pesadelo (Le Bot, 1997, p. 85).

Durante o estágio inicial, os insurgentes empenhavam-se em adquirir habilidades para sobreviver no ambiente adverso das montanhas, reconhecendo a possibilidade de que estas habilidades e acúmulos poderiam se revelar vantajosas em um eventual confronto com as forças armadas mexicanas, tal como ocorreu em outros levantes guerrilheiros na América Latina. Entre os anos de 1983 e 1985, este grupo operativo permaneceu isolado e enfrentou consideráveis difi-

culdades em se manter (Genari, 2005, p. 20), admitindo apenas poucos novos membros em suas fileiras. No verão de 1984, é registrado o ingresso do militante que, posteriormente, adotaria a alcunha de "Subcomandante Marcos" (Baschet, 2021, p. 43).

Tendo em vista estes elementos contextuais, o presente escrito circunscreve-se em um contexto preliminar da atuação do militante conhecido como "Subcomandante Marcos", referindo-se à sua presença em meio à dinâmica de formação do Exército Zapatista de Libertação Nacional e aos anos inicias de embates e publicações destes. Logo, serão trabalhados produções e bibliografias que se referem especificamente ao recorte de 1983 - 2001. Os documentos publicizados pelo movimento a serem utilizados nesta pesquisa, se veem presentes num recorte que data do 1º de janeiro de 1994 (dia da publicização e levante armado do movimento), até o período de abril de 2001 (período onde é empreendida a "Marcha da Cor da Terra", na qual uma caravana de centenas de zapatistas percorrem doze estados, partindo de Chiapas e terminando sua caminhada na Cidade do México). Este intervalo configura um processo de grande importância da História zapatista, por representar os anos de constituição de diversas bases de seu pensamento e *práxis*.

O contexto do levante abre-se com o sonoro "Ya Basta!", proclamado na *Primeira Declaração da Selva Lacandona* (EZLN, 1994, p. 34), documento de publicização do EZLN e que anuncia a tomada armada de quatro municípios da região de Chiapas. Após poucos dias de conflito armado direto, é iniciada uma nova fase do movimento e de sua relação com a materialidade mexicana: o cessar fogo, marcado pelos diálogos com o governo e a sociedade civil. É neste processo em que boa parte da documentação toma forma, assim caracterizando o pensamento e palavra do zapatismo, que busca se apresentar ao México e tecer um discurso político.

Nesta perspectiva, também é interessante observar a forma com que são construídos os Documentos e Comunicados da organização. Grande parte dos escritos (assim como a *Declaração da Selva Lacandona)*, são assinados pelo Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional (CCRI-CG), mas a maior parte deles são redigidos pelo Subcomandante Marcos, como ele mesmo conta:

A respeito dos comunicados emitidos pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena - Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional

(CCRI-CG do EZLN), vale a pena falar um pouco sobre como são produzidos estes pronunciamentos. Todos os comunicados firmados pelo EZIN são aprovados por membros do Comitê, às vezes pela totalidade deles, às vezes por representantes. A redação dos textos é um dos meus trabalhos, porém o comunicado em si provém de dois caminhos. Um é quando membros do Comitê, ou o coletivo do Comitê, vêem a necessidade de pronunciar-se sobre algo, de 'dizer sua palavra'. Então se propõem e se discutem os pontos principais do que se vai dizer e, com essas indicações gerais, me ordenam que faça uma redação. Depois lhes apresento o comunicado redigido, eles o revisam, tiram e acrescentam coisas e o aprovam e o rechaçam. (Genari, 2002, p.72)

DESENVOLVIMENTO

A figura do Subcomandante Marcos, o "Sup", é envolta em mistério, romantismo, polêmica e especulação. Sua verdadeira identidade nunca foi publicizada, apesar de diversas especulações existirem (as quais não se dará grande destaque neste trabalho, principalmente por muitas terem sido fomentadas pela perseguição do governo contra o militante). Há fortes indícios de que seria um acadêmico, militante e estudioso, tanto por sua eloquência e conteúdos em escrita, quanto pelas funções que desempenhou e desempenha dentro do EZLN. Ainda, a presença do *pasamontañas*[3] constante, o cachimbo, as palavras poéticas misturadas com a afiada e ácida crítica ao sistema e às desigualdades mexicanas criam ao redor de Marcos uma mística que, por muitas vezes, trouxe problemas, mas também ganhos, a ele e ao próprio movimento zapatista.

No eclodir de um novo movimento armado, indígena, onde os combatentes veem-se com o propósito de enfrentar o neoliberalismo que ameaça sua própria existência, a repressão busca rostos e lideranças a quem se possa atacar, alvos que se façam efetivos. Por muitas vezes, no recorte aqui trabalhado, Marcos foi um destes "rostos", sendo atacado pelas gestões governamentais que buscavam minar as bases de apoio e a adesão da sociedade civil aos valores zapatistas, principalmente pelo governo de Ernesto Zedillo (1994-2001).

Esse processo se dá, em grande medida, pelas funções que o militante ocupou e ocupa na constituição do exército rebelde e o movimento que o cerca. A mais conhecida pela opinião pública é o posto de encarregado das operações

[3]Balaclava.

militares do EZLN, tendo sido ele um dos responsáveis por organizar o levante armado de janeiro de 1994, seguindo as ordens do Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional (CCRI-CG do EZLN) e das comunidades originárias consultadas. Outro, seria o de porta-voz, como já apontado anteriormente, por escrever e redigir grande parte dos Documentos e Comunicados publicizados do movimento, assim como atuar enquanto representante do exército em encontros, negociações e atos públicos (em conjunto com diversos outros quadros políticos de suas fileiras). No entanto, o local ocupado por Marcos em meio ao EZLN, principalmente na formação do movimento, possui ainda mais importância, principalmente no que concerne à perspectiva do choque cultural entre tradições de resistência distintas.

MARCOS, DUPLO-TRADUTOR CULTURAL

Como explicitado ao longo da introdução, a formação do EZLN é marcada pelo encontro e chegada de militantes, advindos da eclosão de movimentos do Maio de 1968, provenientes do México hispanizado, e as comunidades originárias que passavam a constituir um movimento cada vez mais crítico e mobilizado frente aos ataques do neoliberalismo, das *guardias blancas*[4] e as invasões aos *ejidos*[5].

O contato entre as comunidades e os militantes, a partir de 1983, passa por transformações. Com o tempo, a relação entre o destacamento e os indígenas da região se fortaleceu. Foram estabelecidos acordos implícitos, nos quais jovens das aldeias eram treinados para proteger seus territórios contra ataques de jagunços e forças militares. Em contrapartida, esses jovens auxiliavam a organização na obtenção de suprimentos essenciais para a subsistência na selva. Gradualmente, desenvolveu-se uma forma de organização coletiva que integrava as comunidades locais ao movimento emergente na serra. Por meio de um sistema

[4]Organizações paramilitares e de jagunços que auxiliam na expulsão das populações indígenas de suas terras coletivas, que passam a ser expropriadas para uso e extração de recursos ou implantação de hidrelétricas.

[5]Os ejidos são áreas de terra comunal administradas coletivamente pelas comunidades rurais indígenas do México. A criação do artigo 27, seu reconhecimento e estabelecimento constitucional buscaram considerar estas áreas como patrimônio nacional inegociável, sendo assim definidas a partir da reforma agrária de 1917.

de "assembleias itinerantes", intensificou-se a prática ancestral de discussão, debate e tomada de decisões nas comunidades. Surgiu, assim, um conjunto cultural compartilhado que unia diversas línguas, etnias, ideologias e religiões. Enquanto a organização revolucionária na serra aprimorava sua compreensão da luta revolucionária, as comunidades fortaleciam-se na defesa contra intrusos. O sociólogo mexicano Pablo González Casanova, ao examinar esse contexto, identifica:

Los revolucionarios aprendieron que los ritmos del pueblo no son los de ellos. Aprendieron que no solo es cosa de organizar a los indios, sino aprender como estan organizados. Construyeron organiza- ciones y politizaron a las existentes. Se politizaron ellos mismos. Dejaron sus ideas marxista-fundamentalistas. Descubrieron que el "reordenamiento del mundo" solo podria venir de una lucha por la democracia que incluyera y partiera de las autonomias y los derechos de los pueblos indios y de los pobres que no son in- dios, hasta abarcar a toda la nacion. Contando con ella, con sus trabajadores y su Pueblo (Casanova, 2009, p. 71)

Embora a presente pesquisa discorde da visão de que os valores marxistas do grupo fossem fundamentalistas - dado seu alinhamento com a corrente guevarista, que rompia com muitos preceitos do dito "marxismo ortodoxo" -, os apontamentos de Casanova destacam a relevância do tema abordado neste estudo. É por meio desse encontro e confronto cultural que os princípios de transformação do EZLN se evidenciam. Nesse processo, a compreensão e aquisição das línguas nativas mostram-se cruciais, levando diversas famílias originárias a enviar seus filhos e jovens para se tornarem guerrilheiros (Le Bot, 1997, p. 91).

A dinâmica, evidencia o encontro inicial entre militantes de uma organização revolucionária, influenciada pelo marxismo-leninismo e guevarismo, com as realidades e experiências das comunidades indígenas. Ao se depararem com uma história contínua de luta política e social que se estendia por mais de 500 anos, esses militantes passam por uma transformação orientada pela História e pela Memória. O Subcomandante destaca o período de 1985 a 1987 como crucial para a organização, quando houve contato com os tradutores indígenas que facilitavam a comunicação entre as comunidades e o movimento. Nessa fase, o exército zapatista reconhece a necessidade de absorver e aprender com uma população indígena que possuía uma tradição de luta e resistência ao longo de cinco séculos de história (Le Bot, 1997, p. 92).

Neste paradigma, à medida que essa integração sociopolítica avança, os membros mestiços e ladinos tornam-se uma minoria nas fileiras do EZLN, embora

o comando ainda seja composto pelos guerrilheiros originais. Os indígenas que passam a integrar as fileiras do EZLN também assumem papéis de tradutores e intermediadores entre as comunidades e o movimento, transformando essa relação em um processo orgânico e político. Isso impulsiona ainda mais a dinâmica de transição política, na qual os guerrilheiros percebem que lidam não com indivíduos passivos a serem organizados pela liderança guerrilheira, mas sim com sujeitos que possuem uma práxis de luta e resistência própria (Le Bot, 1997, p. 92).

É neste processo que uma dinâmica chave passa a se estruturar, sendo que a mesma se aprofunda ainda mais no momento de publicização do EZLN. Certos indivíduos passam a atuar enquanto "pontes", interconectando as comunidades e os grupos de militantes. Uma destas figuras, seria o próprio Subcomandante Marcos. Enquanto os guerrilheiros buscavam politizar os indígenas e apresentar a estes a cosmologia marxista, eram defrontados com a cosmologia ameríndia. Estas, a partir deste desenrolar, passam a se fundir e dar origem à uma *práxis* única. Para que isso ocorra, as categorias, pensamentos, táticas e a própria cosmogonia de ambas as tradições deveria ser "traduzidas".

Acerca deste panorama, o autor Walter Mignolo discorre. Em sua obra The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options (O Lado Obscuro da Modernidade Ocidental: Futuros Globais, Opções Decoloniais), Mignolo analisa o que representa o EZLN, enquanto um movimento singular, detentor de possibilidades ímpares de transformação da sociedade. Em sua escrita, o autor debruça-se sobre o processo de transformação do exército rebelde, durante o período da década de oitenta, até seu levante e publicização. Neste momento, observa-se o futuro Marcos enquanto um dos indivíduos que buscava politizar as comunidades indígenas através dos signos e projetos do marxismo. Mignolo observa nesta dinâmica, um processo de "conversão", como se os guerrilheiros fossem portadores da salvação revolucionária dos indígenas, devendo ser seguidos de prontidão (Mignolo, 2011, p. 261). No entanto, como já apontado anteriormente, não é este o transcurso do movimento que se efetiva.

Mignolo argumenta que, neste momento, o EZLN passa a viver um processo de dupla tradução, muito centrado em indivíduos como o Subcomandante Marcos. Enquanto os guerrilheiros buscavam politizar os indígenas e apresentar a estes a cosmologia marxista, eram defrontados com a cosmologia amerindia. Estas, a partir deste desenrolar, passam a se fundir e dar origem à uma práxis única. Segundo o autor, através da lógica desta dupla-tradução, é possível ob-

servar o elemento fundador de uma revolução téorica no campo revolucionário, centralizada no movimento zapatista, que expõem a dominação e poder colonial. Abre-se assim, o marxismo ao pensamento teórico intelectual indígena (Mignolo, 2011, p. 262).

Dessa maneira, no discurso zapatista, há também um tradutor que se coloca em sentido de apresentar a cosmologia e práxis do EZLN à sociedade mexicana e à Amércia Latina, o Subcomandante Marcos (Mignolo, 2011, p. 263). Por muitos, esta figura será interpretada como o arquétipo do herói revolucionário, sendo muitas vezes comparado a figuras como as de Che Guevara, Mahatma Gandhi e Martin Luther King. Marcos também é utilizado como alvo do governo federal, que busca nele um bode expiatório capaz de deslegitimar o EZLN (quando apontado, erroneamente, como sua liderança). No entanto, em seu discurso, o militante procura afastar-se de ambos os estigmas, muito pelo caráter de sua organização (que possui indivíduos que se apresentam acima dele na hierarquia interna). No entanto, a figura de tradutor é aceita e utilizada pelo próprio Marcos.

O mesmo, em diversos de seus escritos, desenvolve formas únicas de narrar a realidade e cosmovisão indígena. Exemplos destas metodologias podem ser observadas nas figuras do "Velho Antonio" (um ancião indígena, que não se sabe se realmente existiu, proveniente das comunidades as quais o exército representa) e do escaravelho "Durito" (um inseto ficcional de humor ácido e caracteristicas de denúncia). Estes personagens buscam servir como ferramentas de tradução daquilo que se solidifica no cerne da práxis do EZLN. Enquanto o primeiro busca trabalhar a memória, tradições e cosmovisão dos Povos Originários através de lendas e histórias, o segundo vivencia aventuras de crítica e ataque frente ao neoliberalismo e o "mal governo" mexicano. Um, trabalha o passado vivo da memória indígena, o outro apresenta as críticas ao regime contemporâneo que os rebeldes enfrentam. Dessa forma, para Marcos, a História mexicana e, mais especificamente, a indígena, são ferramentas de construção de novos signos e teorias críticas de análise de conjuntura. Mais, ambas se encontram enquanto instrumentos para sua escrita, cujas características o tornem uma figura ainda mais complexa, assim como o seu movimento.

MARCOS, CONTADOR DE HISTÓRIAS.

A presença dos personagens citados torna-se fundamental para aprofundar o sentido da análise da obra de Marcos, ainda mais aquela que ocupa uma função de comunicação dentro da *práxis* ezelenista. Ambos, Durito e Velho Antônio, se explicitam enquanto instrumentos fundamentais, divisores de águas na maneira de um militante comunicar e traduzir um universo de resistência à sociedade-civil mexicana.

Para a compreensão desta faceta da obra de Marcos, as perspectivas de Walter Benjamin acerca da temática da Memória se farão fundamentais. Como aponta o autor José Luís de Barros Guimarães, em seu escrito *Memória, Esquecimento e Política em Walter Benjamin: A Reinterpretação da História a Partir do Comprometimento Ético com os Vencidos*, Benjamin, ao se debruçar sobre a sociedade capitalista, observa que sua dinâmica produz um ambiente cada vez mais pobre de intercâmbio de experiências no âmbito cultural. Isso muito se dá, em vista do comprometimento existente com os valores do capital. As vivências individuais (para Benjamin, *Erlebnis*) se sobrepõem as experiências coletivas (*Erfahrung*) e a memória se vê passível de fácil destruição, fazendo com que se perca gradativamente a capacidade cognitiva de produzir narrativas acerca de acontecimentos históricos, marcantes na trajetória humana (Guimarães, 2019, p. 109).

Em seu escrito *O Contador de Histórias*, Benjamin aponta para o fato de como a perda da capacidade de "intercambiar experiências" acontece com o avanço das experiências desmoralizadas, tais como: a guerra de trincheiras, a inflação econômica do pós primeira guerra e a falta de ética dos governantes (Benjamin, 2020, p. 21- 25). Assim, é possível observar que, enquanto nas sociedades pré-capitalistas, a possibilidade de intercâmbio de experiências e memória, parecia socialmente indestrutível, o ambiente da política contemporânea repleta de guerras e desigualdade material cria uma dinâmica que suprime essas capacidades. O capitalismo faz-se como um veneno que torna infértil o surgimento das narrativas e suas experiências, e destrói a transmissão de modos de sentir, ser e agir, configurando um perverso processo de aculturação (Guimarães, 2019, p. 111).

Tal ambiente cultural criado pelo capitalismo mostra-se propício às políticas de esquecimento (ainda que Benjamin não utilize essa perspectiva de forma terminológica), inseridas na atuação do Estado e de valores desumanizantes do

capital. Dessa forma, o autor se debruçará, principalmente, em como o contexto político do fascismo e nazismo aniquilam a memória através da força bélica, pela experiência de choque e pela barbárie (Guimarães, 2019, p. 115). Além disso, Benjamin também trata de como as políticas de esquecimento se concretizam no capitalismo moderno e nas sociais-democracias. Esse processo se dá através de sua falsa conciliação, prática que também silencia narrativas e a passagem de experiências, através do dogmatismo do progresso (Benjamin, 2020, p. 26).

Na tratativa do intercâmbio de experiências, a perspectiva da memória e do "rememorar" encontram-se em um movimento de interesse em lembrar aquilo que foi contado, sendo a memória a faculdade épica por excelência. No entanto, na passagem oral desta dinâmica, a recordação estabelece a cadeia de tradições que transmitem acontecimentos de geração em geração (Benjamin, 2020, p. 39-40).

A prática da contação de histórias, enquanto intercâmbio de experiências, coloca-se em lógica distinta ao processo da barbárie supressora. A experiência da guerra mundial, a crise econômica e moral, sufocam a possibilidade de transmitir as experiências. No entanto, a experiência que se transmite de forma oral é a fonte da qual bebem todos os contadores de histórias. Dessa forma, Benjamin elenca alguns arquétipos dos melhores contadores e personagens provenientes de contos para realizarem estas transmissões: o indivíduo que vem de terras distantes (como marinheiros ou mercadores), ou aqueles que há muito residem em suas terras (velhos camponeses) (Benjamin, 2020, p. 22).

O processo exposto da utilização do intercâmbio de experiências através dos contos, lendas e histórias nos cabe muito em meio a análise da obra de Marcos e do EZLN. Para Benjamin, o ato da troca de vivências através de histórias e da oralidade encontra-se em um movimento direto de enfrentamento à barbárie capitalista, que suprime cada vez mais o humano. Tal elemento não poderia estar mais em consonância com as produções do EZLN, sendo a maior parte delas, produzida por Marcos.

A prática do movimento em se utilizar de narrativas afim de comunicar seu pensamento é marcante e diretamente conectada com as tradições dos povos originários que o constroem. No corpus documental desenvolvido pelo EZLN no recorte referido, podem se apontar menções a livros míticos, de oráculos e presenças cosmogônicas da tradição maia, como o *Chilam Balam* (Ezln, 2003, p.169).e o lendário *Popol Vuh* (Ezln, 2003, p. 256). O uso de imagens poéticas, lendárias, se faz também constante, sempre em sentido de aproximar os leitores

(a sociedade civil mexicana e internacional) da mensagem e pensamento que o EZLN quer transmitir:

En el principio era el agua de la noche. Todo era agua, todo noche era. Andaban los dioses y los hombres como loquitos, tropezando y cayendo como viejitos bolos. No había la luz para mirarse el paso, no había tierra para acostar el cansancio y el amor. No había tierra, no había luz, no era bueno el mundo. Entonces los dioses, en la noche, en el agua, se fueron a topar unos con otros y se enojaron y empezaron a decir palabras fuertes y grande era el enojo de los dioses porque grandes eran los dioses. Y los hombres y las mujeres, pura oreja, puro tzots', hombres y mujeres murciélago, se escondieron del ruido de los grandes enojos de los dioses (EZLN, 1995, p. 75).

Assim, os arquétipos apresentados por Benjamin dão mais fôlego às produções do EZLN, especialmente as de Marcos, com seus personagens. Em sua postura de *duplo-tradutor*, Marcos encaixa-se duplamente nos paradigmas, sendo ao mesmo tempo um indivíduo que vem de terras longínquas a traduzir as categorias críticas marxistas, aos indígenas. Ainda, quando observado pela sociedade civil mexicana, pode se encaixar no arquétipo do campesino que a muito reside em meio às comunidades, e traduz seu pensamento e resistência ao mundo hispanizado. Em relação ao arquétipo do campesino, um de seus personagens pode também se fazer compatível. Trata-se do enigmático Velho Antônio. Há amplas discussões em torno de suas representações. Em algumas análises, ele é descrito como um personagem simbólico, enquanto em outras é percebido como uma figura concreta. Por vezes, é sugerido que o Velho Antônio pode ser interpretado como ambos. Contudo, Marcos, em sua abordagem, o reconhece como um indivíduo historicamente existente. Ele desempenhou o papel de tradutor das comunidades em contato com o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) durante o período compreendido entre 1985 e junho de 1994, ano de seu falecimento em decorrência de tuberculose. O Subcomandante, ao abordar a emergência do Velho Antônio no cenário político do movimento, oferece seus pensamentos:

Não, tudo começou a mudar quando apareceu o outro tradutor, o deles, o velho Antonio. Este ancião, que tem todo o ar de uma personagem literária, mas que existiu realmente, torna-se o elo com as comunidades, com o mundo deles e com o seu lado mais índio. O exército zapatista começa a familiarizar-se com a sua consciência, com a sua tradição histórica daquilo que é a luta política, através

dele, dos dirigentes políticos do "grupo intermédio" e dos chefes de aldeia indígenas. Estávamos a falar com um movimento índio que não esperava um salvador, mas que, pelo contrário, possuía uma grande tradição de luta, uma grande experiência, era um movimento muito resistente, muito inteligente também, e nós limitávamo-nos a servir, por assim dizer, de braço armado (Le Bot, 1997, p. 92).

O Velho Antonio viria tornar-se personagem de diversos contos e crônicas de cunho político-cultural redigidas por Marcos. Nelas, o ancião passa a ser um ícone, símbolo das tradições originárias e como elas incidem sobre o movimento, como será exposto posteriormente. Ainda, neste contexto, o Subcomandante o aponta como mais um dos atores fundamentais na transformação de choque e transição do EZLN. O ancião sempre carrega consigo sabedorias ancestrais, tornando-se o ícone da passagem de mensagens originárias em meio à *práxis* do movimento. Uma de suas mais celebres passagens, seria a seguinte:

-¿Por ahí es? -pregunto inútilmente. -Sí pues -dice el viejo Antonio mientras corta bejucos y húmedos peda zos de noche. En unos minutos estamos de nuevo en el camino real y los relámpagos anuncian el perfil deslumhrado del pueblo del viejo Antonio. Mojado y cansado llegué hasta la champa del viejo Antonio. La doña Jua nita se puso a hacer café y nosotros nos acercamos al fogón. El viejo Anto nio se quitó la camisa mojada y la puso a secar a um lado de la lumbre. Des pués se fue a sentar en el suelo, en un rincón, y me ofreció um banquito. Yo me resistí primero, en parte porque no quería alejarme del fuego y en parte porque me seguía la vergüenza del alarde inútil de mapa, brújula y altímetro. Como quiera me senté. Empezamos los dos a fumar. Yo rompí el silencio y le pregunté cómo había encontrado el camino de regreso. -No lo encontré -me responde el viejo Antonio-. No ahí estaba. No lo encontré. Lo hice. Como de por sí se hace. Caminando pues. Tú te pen saste que el camino ya estaba en algún lado y que tus aparatos nos iban a decir para dónde había quedado el camino. Pero no. Y luego te pensaste que yo sabía en dónde estaba el camino y me seguiste. Pero no. Yo no sabía dónde estaba el camino. Lo que sí sabía es que teníamos que hacer el camino juntos. Así que lo hicimos. Así llegamos adonde queríamos. Hici mos el camino. No ahí estaba (EZLN, 1997, p. 300).

Em contrapartida, em meio às crônicas do Subcomandante Marcos, há também Durito. Este, por motivos óbvios, caracteriza-se enquanto um personagem fictício, um escaravelho sarcástico, cavaleiro andante e analista político. O personagem faz sua primeira aparição em meio aos escritos de Marcos e dos zapatistas em abril de 1994, no contexto da consulta do movimento às suas comunidades

basais acerca da primeira proposta do governo federal frente as exigências do EZLN:

> Yo me empecé a encabronar, pero el pequeño escarabajo me alcanzó con su patita la bolsa de tabaco y agregó:
> — No se enoje, capitán. Comprenda que aquí no se puede conseguir tabaco y tuve que tomar un poco del suyo.
> Yo me tranquilicé. El escarabajo me caía bien y le dije:
> — No se preocupe. Por ahí tengo más.
> —Mmh —contestó.
> — Y usted, ¿cómo se llama? —le pregunte.
> — Nabucodonosor —dijo, y continuó —: Pero mis amigos me dicen Durito. Usted puede decirme Durito, capitán.
> Yo le agradecí la atención y le pregunté qué era lo que estaba estudiando.
> — Estudio sobre el neoliberaüsmo y su estrategia de dominación para América Latina —me contestó.
> — Y eso de qué le sirve a un escarabajo — le pregunté.
> Y él me respondió muy enojado: "¿Cómo que de qué? Tengo que saber cuánto tiempo va a durar la lucha de ustedes y si van a ganar o no. Además, un escarabajo debe preocuparse por estudiar la situación del mundo en el que vive, ¿no le parece, capitán?"
> — No sé —le dije — . Pero ¿para qué quiere usted saber cuánto tiempo va a durar nuestra lucha y si vamos a ganar o no?" (EZLN, 1994, p. 218).

Em diversos momentos, quando o cunho da crônica de Marcos necessitava de um ar pitoresco, sarcástico, e de certo humor, surgia Durito. Suas críticas possuem caráter contundente, muito voltadas às análises das desigualdades e desumanidades do neoliberalismo mexicano, e mundial. Em meio às suas desventuras e perspectivas literárias, Durito foi uma figura muito assertiva e presente nos comunicados, frente aos embates contra o governo de Ernesto Zedillo e também pela constituição do Primeiro Encontro Intercontinental Contra o Neoliberalismo e Pela Humanidade, desenvolvido e sediado pelo EZLN em Chiapas, em 1997. A presença de Durito sempre se dá quando as mensagens de Marcos precisam ser direcionadas à concretude do presente, às contradições do capital

neoliberal e às consequências nefastas de sua desigualdade para o futuro. Durito é direto, por mais que ácido e humorístico, propiciando às falas e elocubrações de Marcos ainda mais requinte e complexidade.

Dessa forma, através da observação de ambos os personagens e ferramentas de Marcos, percebe-se como o mesmo, enquanto "contador de histórias", tece lendas e enredos mobilizados e voltados ao alcance do pensamento e perspectiva de mundo daqueles que leem seus documentos e comunicados. Ainda, os habitantes de suas crônicas têm funções e origens claras. Enquanto seu ancião se propõe a agir como ponte e janela para os saberes e conhecimentos originários das comunidades maias que formam a base do EZLN, o escaravelho andante assume o papel de comunicar ao mundo as proposições e análises críticas do movimento frente ao capital e aos problemas imediatos de seu tempo. Juntos, Velho Antônio e Durito unem-se para constituir uma perspectiva de futuro humano e em luta por transformação.

MARCOS, INTELECTUAL ORGÂNICO

Por fim, tendo em vista a breve exposição acerca da atuação de Marcos e as características centrais de sua escrita, é possível aprofundar ainda mais o sentido de sua presença e efetividade enquanto quadro político. O Subcomandante, em sua *práxis*, incide não apenas nas comunidades e na formação de seu movimento, mas sim na disputa e enfrentamento da *Hegemonia* mexicana.

De acordo com Gramsci (através da forte influência leninista que o auxília a cunhar o conceito), *Hegemonia* se configuraria na dominação cultural e política exercida pela classe dominante sobre as classes subalternas, a qual é estabelecida através da produção e disseminação de uma cultura e ideologia que, ao permear a sociedade, facilitariam o processo de controle sobre a população. Os dominados se integrariam às perspectivas de seus dominadores sobretudo por estarem inseridos em sua cultura e visão de mundo comum. A *Hegemonia*, para Gramsci, demonstra o caráter das classes dominantes em firmar uma ética que os estrutura em seu processo de controle (Sobral, Ribeiro, 2020).

É perceptível, através desta categoria, a centralidade em que a obra gramsciana apresenta as disputas políticas e culturais no alicerçamento do Estado burguês e de controle frente a população civil. No entanto, Grasmci vai além e coloca que, para se derrubar a dominação da burguesia e se construir uma so-

ciedade pautada nas ascepções do proletariado e sua ética, seria necessário erigir uma nova *Hegemonia* (também observada enquanto *Contra-Hegemonia)* dentro de novas relações sociais de produção, através da unidade entre teoria e prática, a *práxis* (Sobral, Ribeiro, 2020, p.92).

Frente a tal perspectiva, a cultura se faz enquanto local de amplo embate e disputa da *luta hegemônica*, ou seja, disputa pelo conjunto de ações que se efetivam na construção de uma outra ideologia referendada pela *práxis*. Gramsci é o primeiro pensador do século XX a refletir sobre a cultura como algo que diz respeito a todos, produzida por todos e, centralmente, disputada por todos (Soler, 2017, p. 11-12). Neste sentido, outro conceito de Gramsci também se faz pertinente a fim de analisar a luta de Marcos e como ele disputa o âmbito cultural e ideológico da sociedade mexicana em meio à luta de classes: o de *intelectual orgânico*.

Este indivíduo se encontraria na linha de frente do embate *hegemônico*, diferenciando sua atuação daquelas dos *intelectuais tradicionais*, observados como elitistas e deslocados dos embates sociais, atrelados ao conservadorismo e neutralidade. Em contrapartida, o intelectual orgânico é aquele que se mantem atrelado à sua classe social de origem, atuando como seu porta-voz, construtor e agitador de sua ideologia, sempre em comprometimento com o diálogo da cultura com a *hegêmonia*. Dentre estes, aqueles atrelados ao proletariado e comprometidos fielmente à emancipação das massas, pautam-se sempre através da *filosofia da práxis*. Através da percepção de seu pertencimento de classe, coloca-se em movimento:

> A consciência de ser parte de uma certa força hegemônica (isto é, a consciência política) é a primeira fase para uma ulterior e progressiva autoconsciência, em que teoria e prática finalmente se unificam. Também a unidade da teoria e prática não é, portanto, um dado de fato mecânico, mas um devir histórico, que tem a sua fase elementar e primitiva no sentido de "distinção", de "separação", de independência, apenas instintivo, e progride até à posse real e completa de uma concepção de mundo coerente e unitária. Eis porque é de aguardar como o desenvolvimento político do conceito de hegemonia representa um grande progresso filosófico além de político-prático, porque implica e supõe uma unidade intelectual e uma ética em conformidade com uma concepção do real que superou o senso comum e se tornou, embora entre limites ainda restritos, crítica (Gramsci, 1978, p. 29-30).

Observar a atuação do Subcomandante Marcos no panorama da sociedade mexicana, sob a ótica do *intelectual orgânico* é fundamental em nossa tentativa de compreender a importância e incidência do militante na materialidade em que atua. Marcos, por muito tempo, serviu como a "face reconhecível" do exército, um indivíduo proveniente do México hispanizado que se colocava enquanto porta-voz do movimento indígena que mostrava ter vindo para ficar. Foi Marcos quem, da sacada da prefeitura da recém tomada San Cristobal de Las Casas, proclamou publicamente a *Primeira Declaração da Selva* Lacandona, documento que publicizou o EZLN durante a madrugada do 1º de janeiro de 1994. Configurou-se também enquanto porta voz do exército em encontros de negociação com o governo federal, vivenciando cenas marcantes onde, dentro da catedral do bispo Samuel Ruiz Garcia, estendeu a bandeira do México por sobre a mesa de debate de paz. Com sua retórica profunda, transportadora de vivências e que busca realizar uma *dupla-tradução* cultural entre a sociedade civil e o EZLN, Marcos atua diretamente na demolição da *ideologia hegemônica*, em busca do tecimento de uma nova cultura política dentro da luta de classes mexicana.

A *práxis* deste importante quadro político cria situações fundamentais para que o EZLN avance em seu contato com a sociedade civil e até mesmo nos embates militares com o exército federal mexicano, por conta do Subcomandante também ocupar por muito tempo o lugar de chefe militar da organização. Exemplo disso se vê presente na própria estratégia utilizada pelo movimento no processo da tomada de municípios na madrugada do 1º de janeiro de 1994, assim como em outros momentos, que tiveram influência e preparação por parte das estratégias do próprio Marcos (Le Bot, 1997, p. 126). Neste sentido, é possível observar uma incidência nas esferas culturais, econômicas, sociais e militares da luta de classes mexicana, por parte do militante.

Ainda, por conta de sua "possível" formação (já que seu passado é nebuloso), Marcos também atua enquanto um correspondente do movimento com diferentes personalidades acadêmicas, culturais e intelectuais. É comum que diversos dos documentos publicizados pelo movimento sejam cartas abertas do Subcomandante, endereçadas a diálogos travados com diferentes personalidades, como Eduardo Galeano e José Saramago. Em suma, o quadro político ainda se faz presente e toma posições pelo EZLN até mesmo em debates de cunho acadêmico-político refinado, como no abandono cabal da intelectualidade de esquerda frente ao *materialismo histórico-dialético*. A *organicidade* de Marcos

demonstra-se, também no seguinte exemplo, onde se corresponde de forma pública com o historiador argentino-mexicano Adolfo Gilly:

> Ahora vayamos a un paradigma en desuso. Será necesario ir al cesto de la basura, desarrugar ese papel viejo y ajado que se llamó "La Ciencia de la Historia", el materialismo histórico. ¿Por qué lo botaron? ¿Por la cruda moral después del derrumbe del campo socialista? ¿Un repliegue "táctico" ante el avasallador empuje de los "marine boys" y el neolibera lismo? ¿El "fin de la historia"? ¿Pasó de moda junto a las ganas de luchar? ¿Por qué una revolución, hoy, es arrinconada rápidamente al lugar de las utopías? ¿Qué les pasó Güilly? ¿Se cansaron? ¿Se aburrieron? ¿Se vendie ron? ¿Se rindieron? ¿No valió la pena? ¿No vale la pena? ¿O es que esa teoría los llevaba al callejón sin salida (para los teóricos) de tener que ser consecuentes en la práctica? ¿Qué les pasó Güilly? Veo que ahora el cinismo es la bandera de la izquierda. "El realismo", me corregirá un columnista, "reaipolitik", añadirá otro. Tal vez resulta que las teorías más elaboradas no pasaban de ser um rebuscamiento de los viejos manuales. (EZLN, 1995, p. 109).

CONCLUSÃO

Tendo como ponto de análise os referenciais teóricos utilizados, parece fundamental, antes de tudo, ressaltar a presença e *práxis* do Subcomandante Marcos enquanto *intelectual orgânico* do EZLN. O enigmático indivíduo, em toda a sua produção e atuação dentro o recorte referido, faz-se presente com o intuito de, em serviço às comunidades que representa, servir de ponte, janela, a fim de possibilitar a transformação da *luta hegemônica* mexicana.

Seus personagens, retórica e ação prática, colocam-se em constante tecer de um paradigma campesino, indígena e que busca dar espaço político aos originários que tem sua própria *práxis* em transformação, para transformação. Entre o período de 1994-2001, o EZLN encontrava-se ainda em processo de definição de suas proposições políticas, sendo que seu projeto de autonomia viria a tomar um contorno mais sucinto posteriormente. No entanto, é neste recorte em que diversas bases fundamentais do movimento e de sua relação com a sociedade civil nacional e internacional se firmam. Uma delas, encontra-se no discurso poético e de ampla profundidade política, estabelecido principalmente pelo Subcomandante Marcos.

Muitas vezes, até hoje, Marcos foi e é criticado por ser percebido em um local "líder", representante e a "face" do EZLN. O problema de incompreensão, viria a ser constatado pelo próprio militante em diversos momentos, mesmo que fosse público o seu local e função enquanto apenas porta-voz e líder militar do exército. Todos as decisões e proclamações por ele tomadas, são direcionadas pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena (CCRI), órgão diretivo do Exército Zapatista até a atualidade (Le Bot, 1997, p. 116). Porém, estes postulados não alteram o paradigma de que Marcos, por sua função de porta-voz, adotou o lugar de "face" de um movimento étnico, cuja etnia ele mesmo não integra. No entanto, Marcos explicita que o traçar de suas funções deu-se através da materialidade e necessidade que se apresentou ao EZLN. Ao ser questionado a avaliar seu próprio papel, no ano de 1997, o Subcomandante ressalta (em terceira pessoa):

Penso que ele poderia desempenhar finalmente um papel ativo. Mas as circunstâncias obrigam Marcos a tornar-se uma personagem que já nada tem a ver com a pessoa que está por trás dele, é um instrumento. Adoptei essa comparação da janela porque Marcos, enquanto tradutor, é uma janela que deixa ver o que está lá dentro e o que se passa lá fora. Só que o vidro está sujo As pessoas veem-se refletidas na janela e é aí que Marcos se converte num símbolo, torna-se aquilo que as pessoas querem que ele seja. Mas não era essa a sua função, o personagem que se elabora a partir de 1994 estava predestinado a servir de passador entre duas margens, nos dois sentidos. A partir de 1994, porque até ao dia 1 de Janeiro - possivelmente até ao diálogo da catedral ' - o único papel de Marcos é o de chefe militar. Os planos não preveem que Marcos venha a ser o porta-voz. (.)

Esse Marcos foi-se moldando, primeiro conforme as necessidades das comunidades, depois segundo as necessidades da sociedade civil e finalmente tendo em vista as necessidades de todo esse movimento difuso, indefinido mas fundamental que se cria à volta do zapatismo. (Le Bot, 1997, p. 96)

RECEBIDO em 14/02/2025
APROVADO em 30/03/2025

REFERÊNCIAS

CASANOVA, Pablo González. **De la socíologia del poder a la sociología de la explotación: pensar américa latina en el siglo xxi**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores y Clacso, 2009.

BASCHET, Jérome. **A Experiência Zapatista**: rebeldia, resistência, autonomia. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

BENJAMIN, Walter. **O Contador de histórias e outros textos**. São Paulo: Hedra, 2020.

GRAMSCI, Antonio. (1978). Problemas do materialismo histórico. In A. Gramsci, **Obras escolhidas**. (pp. 19-66). São Paulo: Martins Fontes.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho; coedição Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GENARI, Emilio. **Chiapas**: as comunidades zapatistas reescrevem sua história. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

GENARI, Emilio. **EZLN: passos de uma rebeldia**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

GUIMARÃES, José Luís de Barros. Memória, Esquecimento e Política em Walter Benjamin: A Reinterpretação da História a Partir do Comprometimento Ético com os Vencidos. Kalagatos, Fortaleza, Vol.16, N.2, 2019, p. 104-128.

LE BOT, Yvon; MARCOS, Subcomandante. **O Sonho Zapatista**. Lisboa: Asa, 1997.

LOSURDO, Domenico. **Colonialismo e Luta Anti-Colonial**. São Paulo: Boitempo, 2020.

MIGNOLO, Walter D.. The Darker Side of Westen Modernity: global futures, decolonial options. London: Duke University Press, 2011.

QUIJANO, Aníbal. **Des/colonialidad y Bien Vivir**: un nuevo debate en américa latina. Lima: Universidad Ricardo Editorial Universitaria, 2014.

SOBRAL, Karine Martins; RIBEIRO, Ellen Cristine dos Santos. A concepção de Hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci. **Gposshe**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 90-106, jun. 2020.

SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar y. UMA LEITURA SOBRE O INTELECTUAL ORGÂNICO EM GRAMSCI. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 2, n. 23, p. 541-561, ago. 2017.